



Sociabilidade na Metrópole: as reflexões de Georg Simmel

Autor: Fadil Lira Dias

1º semestre / 2012

Introdução

Neste artigo, pretende-se apresentar e discutir algumas célebres reflexões do sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel (1858-1918) a respeito da vida nas grandes cidades e as formas de relacionamento social. Para tanto, nos debruçaremos sobre dois ensaios de Simmel: *As grandes cidades e a vida do espírito* e *Sociabilidade*. São, seguramente, os mais conhecidos ensaios de Simmel no Brasil e são considerados clássicos das Ciências Sociais. No entanto, muito pouco da extensa obra de Simmel foi traduzida para o português, e esses ensaios, embora clássicos, representam apenas uma pequena fração de sua obra.

Simmel era essencialmente um ensaísta, avesso à produção intelectual sistematizada, na forma de tratado. Assim, boa parte de sua obra é constituída de coletâneas de ensaios, sendo que apenas uma delas foi organizada pelo próprio Simmel (*Philosophische kultur*, “Cultura filosófica”, de 1911); as demais foram publicadas postumamente. Porém, mesmo os capítulos de seus dois livros mais conhecidos, *Filosofia do dinheiro* (*Philosophie des geldes*), publicado em 1900, e *Sociologia: investigações sobre as formas de sociação* (*Soziologie. Untersuchungen uber die formen der vergesellschaftung*), publicado em 1908 em dois volumes (conhecido como a “grande Sociologia”, em comparação com outro livro de Simmel, publicado em 1917, conhecido como “pequena Sociologia”), são caracteristicamente ensaios. Talvez a própria opção pelo ensaio, pelo seu caráter não sistemático, tenha contribuído para que Simmel fosse preterido quando se tratava de falar dos fundadores da sociologia em favor de autores preocupados com a institucionalização da Sociologia enquanto disciplina científica, como Durkheim. Isso não parece ter sido uma preocupação de Simmel, pois seu objetivo era fazer uma Sociologia, mas sem necessariamente se preocupar com o seu estatuto científico. Além disso, os interesses intelectuais de Simmel ultrapassavam os limites formais entre as disciplinas,



transitando pela Sociologia, Filosofia, Estética, Economia, História, Psicologia, etc., de modo que sua classificação como sociólogo não contempla todas as suas dimensões intelectuais.

Esse caráter não sistemático da obra de Simmel pode ter contribuído para que ela fosse lida marginalmente aqui no Brasil por um bom período, o que se refletiu, talvez, na tradução fragmentária que ele recebeu aqui. Em vida, Simmel, que era judeu (embora seu pai fosse batizado), foi limitado pelo antissemitismo do meio acadêmico alemão da época, nunca obtendo uma cátedra em uma grande universidade alemã, apesar de ser reconhecido por outros intelectuais (como Weber, por exemplo) e admirado por seus alunos. Contudo, muitos intelectuais conterrâneos receberam sua influência, como Adorno, Benjamin, Elias e Mannheim, entre muitos outros, e a recepção norte-americana de sua obra foi grande e profícua, influenciando fortemente a chamada Escola de Chicago (Robert Park, da primeira geração de Chicago, foi aluno de Simmel em sua temporada na Universidade de Berlim), com ensaios seus traduzidos pelo *The american journal of sociology*, ainda em vida.

As grandes cidades e a vida do espírito, que é um dos ensaios que vamos tratar nesse artigo, se tornou um clássico justamente por intermédio da recepção norte-americana da obra de Simmel. Esse ensaio é um texto de uma conferência proferida por Simmel em Dresden, durante a Exposição das Cidades, no inverno de 1902-1903, e publicado em 1903, baseado no último capítulo de *Filosofia do dinheiro*, intitulado “O estilo de vida” (SIMMEL, 2005, p. 590). Simmel, ao final dessa conferência, recomenda ao público que consultem a sua *Filosofia do dinheiro*, o que é uma evidência de que ele preferiria que o tema sobre as grandes cidades não fosse lido em separado, mas no contexto de seu livro. O tema das grandes cidades é caro a Simmel, mas é apenas um dos aspectos, embora fundamental, de uma reflexão maior, a sua reflexão sobre o moderno, que é especialmente expressa na *Filosofia do dinheiro*. No entanto, esse ensaio, bem recebido pela Escola de Chicago, que tinha por objeto de estudo exatamente uma grande cidade como Chicago, foi alçado à condição de clássico. Outro detalhe de *As grandes cidades e a vida do espírito* é que ele reflete a própria experiência de Simmel na Berlim da virada do século XIX para o XX, que havia então se industrializado e crescido em termos populacionais de forma absurdamente rápida, desde o início do Segundo Império, em 1871 (WAIZBORT, 2000, p. 311-314). Simmel nasceu em Berlim e lá viveu quase toda a sua vida, tendo acompanhado as transformações da cidade. Diz Leopoldo Waizbort sobre isso:

Sua teoria do moderno é o seu enfrentamento com a cidade em que vivia, suas próprias experiências formam o material que atíça a sua reflexão e a tentativa de apreender conceitualmente as transformações que ocorrem [...].



Um contemporâneo afirmou que em Simmel o espírito da época parece ter se encarnado como em nenhum outro a seu tempo. Isso já se deixaria antever no próprio local de nascimento do nosso Autor, a esquina de maior movimento do centro de Berlim. E por encarnar o moderno na cidade grande de modo tão próprio é que Joel afirmou, embora em sentido figurado, que seus ouvintes e leitores não poderiam pertencer à cidade pequena (WAIZBORT, 2000, p. 315).

Assim, o moderno se realizava ali, na efervescente Berlim da virada do século, sob os olhos de Simmel, que acompanhou todo esse desenvolvimento. Talvez, hoje, ao observarmos grandes cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro, no caso de nosso país, não sintamos o impacto sentido por Simmel e seus contemporâneos ao observar Berlim, justamente devido ao crescimento vertiginoso dessa cidade, embora o porte das cidades grandes atuais seja bem maior que o padrão daquela época. Contudo, a Berlim de Simmel e uma grande cidade atual (São Paulo, por exemplo) têm semelhanças contundentes, a despeito das mudanças no meio urbano nestes últimos cem anos. De fato, as reflexões de Simmel sobre a grande cidade continuam surpreendentemente atuais, talvez porque ele realize, sobretudo, uma sociologia da *forma* da cidade grande, uma forma que, apesar da distância temporal da sua obra, continua basicamente a mesma: a cidade grande é uma força centrípeta que concentra as pessoas, o dinheiro, as mercadorias, as coisas, os fluxos, e depois irradia isso tudo bem além de seus limites físicos. Por isso, discutiremos *As grandes cidades e a vida do espírito*, pensando, em alguns momentos, as grandes cidades de hoje sob a ótica das ideias desse ensaio.

O outro ensaio que será discutido é *Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal*, que também já se tomou um clássico. Na verdade, a *Sociabilidade* é um capítulo de um livro de Simmel publicado em 1917, conhecido como “pequena Sociologia” (*Grundfragen der soziologie*; esse livro tem uma tradução para o português, cujo título é *Questões fundamentais de sociologia*), em comparação com a já citada “grande Sociologia”. Simmel trabalha a ideia de *sociabilidade* fazendo uso dos conceitos filosóficos de forma e conteúdo, de modo que a sociabilidade é uma forma de associação (ou *sociação*, como denomina o autor) entre pessoas que se autonomizou de qualquer conteúdo, isto é, deixou de ter um fim exterior a ela e passou a ser valorizada em si mesma, como uma forma lúdica de sociação. Em outras palavras, a sociabilidade é uma forma de associação onde as pessoas se reúnem porque querem estar juntas, porque querem ter um momento sociável, sem quaisquer objetivos para além disso. Sendo a sociabilidade uma forma, ela é pensável em diversos contextos, e assim o foi pelos intelectuais da Escola de Chicago, que também



foram influenciados por esse texto, quando pensaram as formas de sociabilidade nos bairros de Chicago.

A *Sociabilidade* também teve grande influência sobre o chamado *interacionismo simbólico*, que é uma corrente sociológica originária também da Escola de Chicago. De nossa parte, em alguns momentos, pensaremos exemplos atuais a partir das reflexões de Simmel nesse ensaio (e existem inúmeros exemplos, justamente porque a sociabilidade é uma forma encontrável em diversas situações concretas). No entanto, a própria sociabilidade vivenciada por Simmel, a sociabilidade dos salões da burguesia berlinense da época, será a sua inspiração na escrita deste ensaio. Mais um exemplo da estreita relação entre sua obra e sua biografia.

As grandes cidades

Para Simmel, se a luta fundamental do homem primitivo foi contra a natureza hostil, a fim de garantir a própria sobrevivência, a grande luta do homem moderno é para preservar sua autonomia e individualidade frente a uma força maior: a própria sociedade na qual está imerso. Simmel considera que o maior problema da vida moderna é justamente esse conflito entre indivíduo e sociedade, que teve seu lugar no anseio por liberdade e igualdade dos homens comuns em relação às amarras obsoletas do Antigo Regime, durante o século XVIII, e na busca dos indivíduos pelo direito à livre expressão de suas singularidades, de suas identidades pessoais, não contempladas pela mera liberdade formal já conquistada, mas estimuladas pela crescente especialização de uma complexa divisão do trabalho, durante o século XIX. Entretanto, esse conflito indivíduo-sociedade culmina na plena modernidade. Diz Simmel que em todos esses episódios “atua o mesmo motivo fundamental: a resistência do sujeito a ser nivelado e consumido em um mecanismo técnico social” (SIMMEL, 2005, p. 577). Ao indivíduo, nesse conflito, só cabe resistir à força da sociedade moderna, que não distingue individualidades, que tudo quer nivelar, massificar. Tal sociedade é a industrializada da Berlim *fin-de-siècle* de Simmel, mas também é a sociedade de massas de todo o século XX até os nossos dias.

Se o grande problema da vida moderna é a relação conflituosa entre o individual e o supra individual, vamos encontrar a expressão máxima desse conflito na cidade grande, que é o local onde o moderno se realiza com toda força. É na cidade grande que se concentram, fluem e se irradiam a economia monetária, as pessoas, as informações, os acontecimentos, ou seja, é na cidade grande que as coisas acontecem, que o moderno acontece. Esses



fatos se sucedem uns aos outros sem parar e por todos os lados, de modo que os indivíduos envolvidos estão continuamente expostos a essas mudanças múltiplas, bruscas e ininterruptas, típicas da cidade grande, e de alguma forma precisam se adaptar, pois, sendo cada mudança percebida pelo indivíduo como a passagem de uma impressão à outra, torna-se demasiadamente intensa a percepção nervosa das constantes mudanças de impressões. Simmel denomina esse fenômeno de *intensificação da vida nervosa*, que é o fator fundamental, do ponto de vista psicológico, da formação de um tipo de individualidade específica da cidade grande:

O fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades da cidade grande é a intensificação da vida nervosa, que resulta da mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores (SIMMEL, 2005, p. 577).

Esse tipo de individualidade não é encontrado no campo ou na cidade pequena, precisamente porque nesses lugares o que dá o tom não é a mudança, mas o hábito, a rotina, onde há um ritmo mais lento, onde poucas coisas acontecem além do que se está habituado, de tal modo que a consciência de seus habitantes não sofre com uma sobrecarga de impressões sensíveis, ao passo que os habitantes da cidade grande têm a consciência exigida por um grande fluxo de impressões sensíveis, que se alternam rapidamente como respostas às mudanças paralelamente incessantes do ambiente exterior da cidade. Essa miríade de estímulos em mudança, que são onipresentes na cidade grande (basta ao seu habitante colocar os pés na rua) tem como efeito uma maior intelectualização e objetividade dos sujeitos envolvidos, em contraposição ao espírito subjetivo, pautado pelo sentimento, característico do habitante do campo.

Assim, a essa maior movimentação quantitativa, a essa maior velocidade da vida na cidade grande, responde o seu habitante com essa postura racional, com o *entendimento*, e não com a sua emoção, com o seu *ânimo*, e assim o faz justamente para preservar sua vida subjetiva, que ele interioriza, porque o intelecto é, de nossas disposições psicológicas, a mais superficial, a menos sensível, e, portanto, a mais resistente e adequada ao intenso fluxo da metrópole, em contraste com o *ânimo*, que é sensível e, portanto, frágil, vulnerável perante tal intensificação¹. Só esse fato já opõe profundamente os habitantes do campo e da cidade pequena em relação aos habitantes da cidade grande, porque, enquanto estes tem

¹ Podemos dizer que, para Simmel, a palavra "entendimento" é uma espécie de conceito, que se refere ao intelecto das pessoas, mais precisamente à postura racional delas diante do mundo à sua volta. De forma semelhante, a palavra "ânimo" refere-se ao sentimento das pessoas, à sua subjetividade.



um modo de vida onde predomina o sentimento, aqueles, se fossem responder emocionalmente a todos os estímulos da cidade grande, se é que isso é possível, ficariam completamente extenuados. Diz Simmel:

Assim, o tipo de habitante da cidade grande [...] cria um órgão protetor contra o desenraizamento com o qual as correntes e discrepâncias de seu meio exterior o ameaçam: ele reage não com o ânimo, mas, sobretudo, com o entendimento [...]. Com isso, a reação àqueles fenômenos é deslocada para o órgão psíquico menos sensível, que está o mais distante possível da personalidade (SIMMEL, 2005, p. 578).

A subjetividade do indivíduo permanece resguardada em seu íntimo pelo entendimento, que é, assim, adaptado como se fosse uma “camada protetora” do mundo interior do indivíduo, uma “casca grossa” endurecida no atrito constante com a metrópole, sem a qual a vida ali seria extremamente difícil, senão impossível. Essa situação tem como consequência um traço característico do tipo de individualidade da cidade grande: o caráter *blasé*. O indivíduo *blasé* é a aquele que tem os seus sentidos embotados, insensibilizados, tamanho o desgaste de seus nervos em meio à intensificação da vida nervosa na cidade grande, que, sendo contínua e vinda de todos os lados, não lhe permite a pausa necessária para a recuperação de suas forças nervosas. Frente a isso, o *blasé* renuncia a reagir a todo e qualquer estímulo da metrópole, que passa a lhe parecer cinzenta, atonal, sem grandes atrativos. Tal renúncia é necessária, porque, do contrário, como já comentamos, se o indivíduo fosse responder a todos esses estímulos, ficaria em frangalhos, completamente esgotado, sendo, portanto, uma postura defensiva justificável, embora ao preço de desvalorizar todo o mundo objetivo.

Praticamente nada comove o *blasé*, nada lhe toca, nada lhe chama a atenção, tudo parece igual, e isso não ocorre porque ele seja incapaz de perceber a diferença, mas porque a diferença não lhe interessa. O *blasé* é insensível a tudo, ele é *indiferente*. O habitante da cidade grande também é caracterizado pela *reserva*, que poderíamos considerar como sendo a expressão do caráter *blasé* no tocante ao relacionamento entre as pessoas na cidade grande. São tantas as pessoas com as quais se tem contato na grande cidade que é impossível ao indivíduo responder a todas elas. Nesse contexto, a esmagadora maioria dessas pessoas lhe é desconhecida, parecendo a ele um mar de impessoalidade, que lhe é indiferente e que dele obtém a mesma resposta. Diz Simmel:

Se o contato exterior constante com incontáveis seres humanos devesse ser respondido com tantas quantas reações interiores – assim como na



cidade pequena, na qual se conhece quase toda pessoa que se encontra e se tem uma reação positiva com todos –, então os habitantes da cidade grande estariam completamente atomizados interiormente e cairiam em um estado anímico completamente inimaginável (SIMMEL, 2005, p. 582).

A atitude de reserva justifica-se pelo direito à desconfiança que o habitante da cidade grande tem, uma vez que a maioria das pessoas, sendo-lhe desconhecida e não tendo mais do que um contato fugaz com ele, desperta suspeita, porque elas podem agir de má fé. Mas tal atitude é frequentemente exagerada, pois, como diz Simmel, este é o motivo pelo qual os habitantes da cidade grande mal conhecem os seus vizinhos de anos e sejam vistos como frios e distantes pelos habitantes da cidade pequena (SIMMEL, 2005, p. 582-583). O exagero faz com que a reserva vá além da simples apatia *blasé*, porque chega ao ponto da antipatia, passando de um estado de indiferença interior ao estado de uma aversão oculta. Essa antipatia da reserva é um antagonismo latente que nos afasta daquele que nos inspira aversão, mas que também pode ser apenas a condição psicológica prévia à deflagração de um conflito real, porque ela é, basicamente, uma postura defensiva tensa, que ameaça a qualquer momento irromper em conflito, bastando um passo em falso. Por esse motivo, as pessoas nas cidades grandes já ficam alerta com a maior proximidade física de um estranho, e, caso haja um pequeno contato físico acidental, como um esbarrão, por exemplo, que em outros contextos seria inofensivo, se apressam em se desculpar para que não haja problemas, mas sem delongas, logo seguindo adiante, para que não se estabeleça nenhuma relação com o estranho. E assim é nas calçadas movimentadas, nas filas em geral, no transporte público lotado e no trânsito, este último sendo especialmente tenso e propenso ao conflito aberto. Em suma, na cidade grande ninguém conhece ninguém, todos temem todos, e, como diz Simmel, “a antipatia nos protege” (SIMMEL, 2005, p. 583).

O habitante da cidade grande é *blasé* e reservado, mas isso não significa que ele não responda a nada, o que é impossível em suas relações com a cidade grande. O que acontece é que suas respostas são necessariamente seletivas e, dessa forma, baseadas no intelecto, que é objetivo, que só faz o necessário, ao contrário do sentimento, que é sensível a tudo, que não calcula. Comenta Waizbort:

E é a quantidade que demarca a diferença frente ao habitante da cidade pequena. Este não precisa se perder em meio a uma quantidade sem fim de relações, sua estrutura anímica só precisa responder a um número limitado de estímulos, e por isso ele pode responder a praticamente todos eles, Já ao habitante da cidade grande é impossível responder, a não ser a uma parcela muito pequena e selecionada deles, e frente ao resto ele é indiferente, vale dizer, reservado (WAIZBORT, 2000, p. 330).

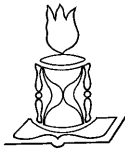


Logo percebemos a íntima ligação entre o caráter *blasé*, a reserva e o predomínio do entendimento no indivíduo da grande cidade: ambos protegem o indivíduo, que não responde a nada, a não ser quando necessário, com o intelecto, de forma objetiva, calculista. O indivíduo torna-se *blasé* e reservado ao abster-se da entrega emocional, ao mesmo tempo em que passa a responder apenas com o entendimento em suas relações com a cidade grande. A cidade grande é, então, o local onde o entendimento e a objetividade preponderam, se encontram em grau máximo, mas não somente porque esta é a resposta típica de seus habitantes, mas também, e sobretudo, porque a cidade grande, sendo o local da troca econômica múltipla e intensa, é o local por excelência da economia monetária, que torna viável essa intensificação da troca (e por isso não é desenvolvida no campo, onde a troca é mais pobre e escassa).

A economia monetária requer objetividade, exatidão, calculabilidade, pontualidade, e, portanto, requer o puro intelecto. Assim, a intelectualização e a economia monetária estão intimamente ligadas, embora não possamos estabelecer uma relação causal direta entre elas, porque para Simmel entendimento e dinheiro estão, “evidentemente, em uma relação tão estreita (...), que ninguém saberia dizer se é aquela constituição intelectualista, anímica, que impulsiona rumo à economia monetária, ou se é esta o fator determinante daquela” (SIMMEL, 2005, p. 579). Essa passagem já nos mostra uma característica da forma como Simmel aborda os fenômenos: ele não estabelece relações causais definitivas. Comenta Waizbort a esse respeito:

Aqui Simmel recorre, como de costume, à ideia de interação, com suas circularidade e infinitude características, e que remete à atitude relativista de nosso Autor. Em um mundo de relações, não é possível estabelecer univocamente uma relação causal definitiva, pois se trata sempre de efeitos mútuos e múltiplos (WAIZBORT, 2000, p. 320).

Dessa forma, não sabemos em que medida a economia monetária causa o entendimento e vice-versa, mas somente que eles interagem, que eles se implicam mutuamente. Diz Simmel: “Seguro é apenas que a forma da vida na cidade grande é o solo mais frutífero para essa interação” (SIMMEL, 2005, p. 579). Logo, onde houver a cidade grande, essa força centrípeta que atrai tudo e todos, num intenso fluxo de pessoas, mercadorias, serviços, lá estará o entendimento, e lá estará a economia monetária, sem os quais o complexo mecanismo da cidade grande não funciona, sem os quais ela é impossível. O que há de comum entre a economia monetária e o entendimento, e o que os



liga profundamente, é a pura objetividade com que ambos encaram os homens e as coisas: tudo o que é individual, qualitativo, pontual, tende a ser ignorado ou encarado como exceção que deve ser descartada, em favor da praticidade do que é comum a todos, geral, e que pode ser calculado, quantificado. Diz Simmel:

O homem pautado pelo entendimento é indiferente frente a tudo que é propriamente individual, pois do individual originam-se relações e reações que não se deixam esgotar com o entendimento lógico – precisamente como no princípio monetário a individualidade dos fenômenos não tem lugar. Pois o dinheiro indaga apenas por aquilo que é comum a todos, o valor de troca, que nivela toda a qualidade e peculiaridade à questão do mero “quanto” (SIMMEL, 2005, p. 579).

Assim, em vista da multiplicidade qualitativa de todas as coisas, o dinheiro é o seu denominador comum, pois as padroniza com referência a uma única medida, a da própria moeda, tornando possível a fluidez da troca econômica, ao mesmo tempo em que nivela as diferenças qualitativas das coisas “à questão do mero ‘quanto’” (SIMMEL, 2005, p. 579). O dinheiro transforma a multiplicidade das diferenças qualitativas em uma única diferença, a diferença quantitativa, ou, em outras palavras, despoja as coisas de seu caráter qualitativo, do que as difere das demais, a fim de igualar pela escala monetária coisas singulares, equiparando coisas incomparáveis. Com o dinheiro, as coisas deixam de ter um valor em si mesmas, único, absoluto, para ter um valor relativo à padronização da moeda. Simmel:

Na medida em que o dinheiro compensa de modo igual toda a pluralidade das coisas; exprime todas as distinções qualitativas entre elas mediante distinções do quanto; na medida em que o dinheiro, com sua ausência de cor e indiferença, se alça o denominador comum de todos os valores, ele se torna o mais terrível nivelador, ele corrói irremediavelmente o núcleo das coisas, sua peculiaridade, seu valor específico, sua incomparabilidade (SIMMEL, 2005, p. 581).

Por exemplo, um livro e um jantar fora de casa representam experiências completamente diferentes, mas segundo a lógica monetária, se custam o mesmo valor (por exemplo, 90 reais), serão exatamente a mesma coisa. Aliás, a lógica monetária será cega a essas experiências distintas mesmo se tiverem um custo monetário diferente, porque essa lógica só enxerga a diferença expressa na quantidade, não na qualidade. Do mesmo modo, para essa lógica, o ato de presentear alguém é equivalente ao ato de dar o valor em dinheiro do presente, quando sabemos que são coisas qualitativa e simbolicamente distintas. O valor de um presente é simbólico e, por isso, está além da lógica monetária, sendo, portanto, um valor ignorado por ela. Em suma, o dinheiro e o entendimento buscam o



geral, o padrão, e são indiferentes, imparciais, não distinguindo homens de coisas, vendo-os ambos como números, indagando o “quanto”, e não o “qual”.

O caráter *blasé* se afiniza perfeitamente a essa atmosfera da grande cidade, dominada pelo entendimento e pela economia monetária. Diz Simmel: “Essa disposição anímica é o reflexo subjetivo fiel da economia monetária completamente difusa” (SIMMEL, 2005, p. 581). Pois, se a intensificação da vida nervosa é a base psicológica da formação do tipo de individualidade específico da cidade grande, o entendimento e a economia monetária são o fator objetivo dessa formação. O indivíduo do caráter *blasé* baseia suas relações completamente pelo entendimento e é indiferente às coisas da mesma forma que a economia monetária não distingue as diferenças qualitativas entre elas. Essa postura intelectualista e objetiva se torna evidente na própria atitude econômica dos habitantes da cidade grande.

Simmel afirma que, como na cidade pequena produtores e fregueses quase sempre se conhecem, suas trocas econômicas são influenciadas por fatores subjetivos que estão além do puro cálculo econômico do lucro ou do benefício, o que acontece, por exemplo, na possibilidade da encomenda direta ao produtor, acompanhada de perto pelo freguês, ou quando o produtor abate o preço de sua produção, em consideração aos seus fregueses, todos conhecidos. Um exemplo brasileiro disso é a existência, em pequenas cidades, do crédito “fiado”, onde um comerciante, geralmente o dono de uma mercearia, permite que seus clientes paguem depois, às vezes na forma de uma conta paga regularmente; evidentemente, isso só é possível porque o merceiro conhece e mantém uma relação de certa intimidade com os seus fregueses. Já na cidade grande, em virtude da produção em massa para o mercado, produtores e clientes quase nunca se conhecem, o que deixa o espaço livre para o cálculo das vantagens econômicas, sem empecilhos de natureza subjetiva. Simmel:

A cidade grande moderna, contudo, alimenta-se quase que completamente da produção para o mercado, isto é, para fregueses completamente desconhecidos, que nunca se encontrarão cara a cara com os verdadeiros produtores. Com isso, o interesse das duas partes ganha uma objetividade impiedosa, seus egoísmos econômicos, que calculam com o entendimento, não têm nenhuma dispersão devida aos imponderáveis das relações pessoais (SIMMEL, 2005, p. 579).

Como uma teia de afinidades, a racionalização da vida, a economia monetária, as grandes cidades e a postura intelectualista e prática de seus habitantes encontram-se inextricavelmente ligados, implicando-se mútua e complementarmente. Onde houver a



cidade grande, lá estará o dinheiro (e vice-versa), e com eles a racionalidade e a modernidade. Mas, dessa constelação, Simmel toma a economia monetária como referência para a sua reflexão acerca da modernidade; por isso, a sua filosofia do dinheiro é fundamental. Nessa ótica, a economia monetária é o que move o moderno, e, portanto, onde ela estiver, lá estará a modernidade (WAIZBORT, 2002, p. 65-66).

As grandes cidades também propiciam aos seus habitantes um grau de liberdade desconhecido no campo ou na pequena cidade. A razão disso, segundo Simmel, pode ser encontrada numa fórmula aproximadamente geral, que atua desde os menores círculos sociais. Um círculo social jovem e pequeno, para manter-se unido, precisa estabelecer uma limitação rigorosa, tanto externamente, para se distinguir em relação a outros grupos, quanto internamente, limitando a liberdade de seus membros para que não enfraqueçam a unidade original. Assim, nesses pequenos grupos predomina uma força centrípeta, onde há uma forte coesão interna, mas, em contrapartida, os membros possuem pouca liberdade individual. À medida que esse grupo cresce (numericamente, espacialmente, em significação), enfraquece-se a unidade original, mas em compensação, os seus membros ganham maior liberdade individual. Dois exemplos paradigmáticos desse processo são os partidos políticos e as congregações religiosas: originalmente muito coesos, após um período de crescimento, afrouxa-se o “núcleo duro” original e surgem as dissidências.

Na pequena e na grande cidade ocorre um processo semelhante. Nas cidades pequenas, a integração entre seus habitantes é maior, porém há menor liberdade individual, tanto pelas poucas opções de diferenciação pessoal (a divisão do trabalho é bem mais simples, e, para Simmel, ela é fundamental para a individualização, como veremos), como pela vigilância coletiva ali existente, que é coercitiva (as pessoas se conhecem e se vigiam). Já nas cidades grandes, o círculo social maior, onde a maioria das pessoas é desconhecida, traz consigo uma maior impessoalidade, e, conseqüentemente, a mútua indiferença entre os seus habitantes. Contudo, são precisamente essa impessoalidade e indiferença que garantem a esses habitantes uma grande liberdade, que o morador do campo ou da cidade pequena desconhece, tolhido pela pouca diferenciação individual e pela vigilância coletiva. Mas essa liberdade não necessariamente traz bem estar, e pode ter o gosto amargo da frieza e da solidão. Simmel:

Pois a reserva e indiferença mútuas, as condições espirituais de vida dos círculos maiores, nunca foram sentidas tão fortemente, no que diz respeito ao seu resultado para a independência do indivíduo, do que na densa multidão da cidade grande, porque a estreiteza e proximidade corporal



tornam verdadeiramente explícita a distância espiritual. Decerto é apenas o reverso dessa liberdade se, sob certas circunstâncias, em nenhum lugar alguém se sente tão solitário e abandonado como precisamente na multidão da cidade grande [...] (SIMMEL, 2005, p. 585).

Assim, o indivíduo é livre na cidade grande porque a multidão lhe é indiferente, experimentando ali uma situação singular: a *proximidade corporal* com a *distância espiritual*. Essa relação ambígua, que foi relida pela Escola de Chicago como proximidade física e distância social (FRÚGOLI JR., 2007, p. 15), explicita incontestavelmente a reserva e a indiferença dos habitantes da metrópole, e é o que torna possível a paradoxal “solidão na multidão”. Entretanto, essa liberdade permite aos indivíduos a expressão de suas singularidades, o desenvolvimento do que eles têm de mais pessoal. A complexa divisão do trabalho e a concorrência econômica também estimulam a diferenciação pessoal, multiplicando as profissões, os nichos de mercado, as necessidades, os gostos. A cidade grande oferece opções para os mais variados e extravagantes tipos de gostos, e, assim, surgem novos estilos de vida, novos tipos de personalidade.

Porém, o conflito entre indivíduo e sociedade permanece, porque o desenvolvimento pessoal dos indivíduos possibilitado pela cidade grande, o que Simmel denomina de *cultura subjetiva*, não acompanha o crescimento de todo um complexo supra individual, expresso no desenvolvimento da economia, da arte, da ciência, da técnica, que Simmel denomina de *cultura objetiva*. Acontece que o indivíduo é um grão de areia perante a cultura objetiva, a monstruosa cultura da modernidade:

Se considerarmos, por exemplo, a cultura monstruosa que se encarnou nos últimos cem anos em coisas e conhecimentos, em instituições e bem-estar, e a compararmos com o progresso da cultura dos indivíduos no mesmo tempo [...], veremos diferença de riqueza terrível entre as duas [...]. De qualquer modo, o indivíduo está cada vez mais incapacitado a se sobrepor à cultura objetiva. Ele foi rebaixado a uma *quantité négligeable*, a um grão de areia em uma organização monstruosa de coisas e potências, que gradualmente lhe subtraiu todos os progressos, espiritualidades e valores e os trasladou da forma da vida subjetiva à forma da vida puramente objetiva [...] (SIMMEL, 2005, p. 588).

A vida moderna na cidade grande traz uma série de confortos e facilidades, mas “por outro lado, a vida compõe-se cada vez mais desses conteúdos e programas impessoais, que pretendem recalcar as colorações verdadeiramente pessoais, o que é incomparável” (SIMMEL, 2005, p. 588). Nesse contexto, nenhum indivíduo passa ileso, todos são parcialmente nivelados; só não o são totalmente porque a camada protetora do entendimento mantém a subjetividade interiorizada, protegida. Assim, revelam-se algumas



ambiguidades da modernidade: a economia, ao mesmo tempo em que incentiva a diferenciação, coage ao nivelamento, com a massificação da produção; a cidade grande, ao mesmo tempo em que é o local para a expressão dos gostos e tendências individuais, passa a oferecer estilos de vida padronizados. Em vista disso, a cultura objetiva é como uma maré frente a qual a resistência dos indivíduos é frequentemente impotente; no mais das vezes, as pessoas se deixam levar pela corrente. Submersos por esse mar impessoal, a reação mais frequente dos indivíduos é justamente exacerbar as suas personalidades. Diz Simmel:

[...] o homem agarra-se à particularização qualitativa, a fim de, por meio do excitação da sensibilidade de distinção, ganhar de algum modo para si a consciência do círculo social: o que conduz finalmente às mais tendenciosas esquisitices, às extravagâncias específicas da cidade grande, como o exclusivismo, os caprichos, o preciosismo, cujo sentido não está absolutamente no conteúdo de tais comportamentos, mas sim em sua forma de ser diferente, de se destacar e, com isso, de se tornar notado [...]. (SIMMEL, 2005, p. 587).

Isso acontece porque “para salvar o que há de mais pessoal é preciso convocar o que há de extremo em peculiaridade e particularização, e é preciso exagerá-las para que se possa tornar audível, inclusive para si mesmo” (SIMMEL, 2005, p. 588). Por isso, a cidade grande é também o lugar do preciosismo, da extravagância, do exótico, do bizarro, e os indivíduos lançam mão dessas atitudes justamente para não serem mais um, para se destacarem e não se sentirem diluídos na uniformidade da massa, para se afirmarem como indivíduos. Um exemplo atual são os jovens que se reúnem em grupos, chamados comumente de “tribos urbanas”, por possuírem um gosto musical, um tipo de vestuário e uma atitude e ideologia em comum, que geralmente chamam a atenção de quem é de fora: ali, de alguma forma, eles querem se destacar e se afirmar perante a sociedade, mesmo que seja se contrapondo a ela. Ontem, como hoje, a cidade grande sempre foi o espaço onde aqueles que não se enquadravam na moral convencional poderiam ter alguma liberdade, como as minorias sexuais. Isso também implica no aparecimento de regiões especialmente destinadas às pessoas que divergem leve ou fortemente dessa moral oficial, os bairros boêmios (que Robert Park, alguns anos depois de Simmel, denominará de *região moral*).

Nesse caráter ambíguo, paradoxal, da cidade grande (e da modernidade), onde todos são livres para serem diferentes, mas a cultura objetiva aí presente pressiona de todos os lados para que todos sejam iguais, Simmel entrevê a tensão entre dois tipos de individualismo, que ao mesmo tempo são uma explicação do paradoxo. A cidade grande



promove o que Simmel denomina *individualismo quantitativo*, que é o tipo de individualismo que garante a liberdade dos indivíduos justamente porque todos são iguais (SIMMEL, 2005, P. 589). Esse individualismo está relacionado às conquistas da Revolução Francesa e da ideologia liberal, no século XVIII, e, portanto, está ligado à igualdade de direitos, à ideia do “homem universal”, que, presente em cada indivíduo, lhe dá o direito de ser livre, de ser emancipado de qualquer tutela ou submissão. Mas, se o individualismo quantitativo propicia a liberdade, por outro lado impõe uma igualdade absoluta, que na cidade grande ganha a conotação de indiferença. Nesse sentido, o indivíduo na cidade grande é como um átomo: é livre, mas é igual a todos os outros.

Em contraposição a isso, surge o que Simmel chama de *individualismo qualitativo*, que é a formação do modo pessoal, específico, de cada um, que evidentemente é contrário à igualdade do individualismo quantitativo (SIMMEL, 2005, P. 589). Este é o individualismo dos românticos do século XIX, onde a liberdade de cada homem só é possível na expressão da sua individualidade, do que há de mais pessoal. E o individualismo qualitativo também está ligado à divisão do trabalho instaurada no século XIX, pela diferenciação que ela incentiva, como já comentamos. As duas formas de individualismo se opõem e se complementam ao mesmo tempo, porque o individualismo qualitativo só é possível sob a condição do individualismo quantitativo. Através dessa tensão e complementaridade entre as duas formas de individualismo, que não deixam de representar o conflito entre indivíduo e sociedade, transcorre a vida nas grandes cidades, com desdobramentos complexos e imprevisíveis, os quais, diz Simmel (como Weber também diria), não nos cabe julgar, mas apenas compreender (SIMMEL, 2005, p. 589).

Sociabilidade na Metrópole

Para Simmel, a sociedade é uma totalidade formada pelo conjunto das interações entre os indivíduos, as quais se dão na forma do que ele chama de *sociação*. Os homens estabelecem *sociações* para satisfazer suas necessidades, propósitos, impulsos, interesses, de modo que elas são a origem e a base da sociedade. Recorrendo aos conceitos filosóficos de forma e conteúdo, Simmel considera que “a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (SIMMEL, 1983, p. 166), ou seja, é a forma dos conteúdos concretos da vida



humana². Assim, a *sociação*, a unidade básica da sociedade, se realiza de incontáveis maneiras e em relação a incontáveis conteúdos, os quais temos que entender como sinônimos de causa, de motivo. Inclusive, para Simmel, “em qualquer sociedade humana pode-se fazer uma distinção entre o seu conteúdo e sua forma” (SIMMEL, 1983, p. 165). Nas sociedades também ocorre o fato das formas se autonomizarem em relação aos seus conteúdos e há disso vários exemplos, um deles é o fato de que originalmente, os homens buscavam conhecer o meio natural no qual viviam a fim de assegurarem a sobrevivência. Contudo, não havendo mais essa necessidade, devido ao paulatino domínio da natureza que se conseguiu com o tempo, o conhecimento, como forma, deixou de estar atrelado a um conteúdo (que era a necessidade de sobrevivência), para se autonomizar em relação a ele e se constituir como ciência, valorizada em si mesma. Da mesma maneira, a caça, como forma, se autonomizou do seu conteúdo original, que era igualmente a necessidade de sobrevivência, para ser valorizada em si mesma, como um esporte.

Porém, o interesse de Simmel aqui é a autonomização da *sociação* em relação a qualquer conteúdo prático, e quando isso ocorre nós temos a *sociabilidade*, que é o tipo de *sociação* que não possui qualquer fim exterior a ele e que é valorizado em si mesmo, isto é, os indivíduos se associam não em função de um objetivo, mas simplesmente porque valorizam o fato de estarem juntos, embora esse “estar junto” se dê de diversas maneiras. Assim, a sociabilidade, autonomizada de qualquer objetivo concreto e valorizada em si mesma, é a forma lúdica de *sociação*, porque é propriamente a forma pela qual as pessoas apreciam a mútua companhia entre elas, a forma do relacionamento sociável, do entretenimento.

Mas, se a grande cidade é caracterizada, como vimos, pela mútua reserva e indiferença entre os indivíduos e pela calculabilidade e competição promovidas pela economia monetária, como é possível a sociabilidade na metrópole? Nesse sentido, lembramos a situação ambígua da proximidade física com distância social, típica das grandes cidades. Nas ruas, ônibus e metrô lotados, se as pessoas estão sozinhas, o mais comum é adotarem uma expressão facial neutra, sem emoções, e nem olhar para os outros, justamente porque os atos de sorrir e olhar representam uma abertura à intimidade que é vetada a estranhos, que estão próximos, mas são distantes. Em algumas dessas situações,

² Essa concepção de Simmel em relação à sociedade, partindo das micro-relações entre os indivíduos, é diametralmente oposta à concepção de Durkheim, que via a sociedade “de cima para baixo”, isto é, defendia a primazia do coletivo sobre o individual (FRÚGOLI, 2007, p. 11).



não é impossível que os indivíduos estabeleçam (ou tentem estabelecer) algum contato sociável, mas ele sempre é tenso, justamente pela proximidade física com a distância social. Essa situação é frequente em salas de espera e nos elevadores. Ali, ocorre uma situação sutilmente constrangedora: as pessoas não sabem se estabelecem um contato sociável (o assunto não importa, frequentemente é o tempo ou um fato jornalístico), para diminuir o constrangimento em vista da grande proximidade física, ou se mantém a reserva, dada a distância social (elas não se conhecem).

Porém, a sociabilidade na cidade grande não é só possível, como representa um momento de descontração, de alívio, em relação à postura sisuda, objetiva, demasiado séria, que a metrópole exige de seus habitantes no trato diário. Simmel diz mesmo que “é exatamente a pessoa mais séria que colhe da sociabilidade um sentimento de liberação e alívio” (SIMMEL, 1983, p. 181). Esta sociabilidade é possível porque se afasta do mundo exterior, dominado pelo entendimento, pela economia monetária, pela indiferença, e se realiza num espaço interior (pelo menos simbolicamente interior) onde se suspendem os papéis objetivos do mundo competitivo exterior e todos são momentaneamente iguais, presentes ali sem qualquer objetivo além da interação em si mesma. Por isso, comenta Waizbort, “a sociabilidade é vista como um espaço no qual a cultura objetiva não penetra, é mesmo o espaço próprio à cultura subjetiva [...]” (WAIZBORT, 2000, p. 450).

Os salões que Simmel frequentava, e que o inspiraram para escrever a *Sociabilidade*, estavam chegando ao fim, e ele se situava numa época ambígua, a de transição entre a sociedade burguesa do século XIX, a sua sociedade, e a sociedade de massas do pleno século XX, que ele antevia. Comenta Waizbort:

Simmel, apesar de apontar a falência da cultura burguesa [...], permanece preso ao universo burguês. O salão e a sociabilidade que lhe é correlata são formas burguesas. E, com o fim da era burguesa que o final do século testemunha e que a Guerra consoma, essa sociabilidade acaba (WAIZBORT, 2000, p. 461).

E prossegue, reproduzindo uma citação de P. Wilhelmy:

A tendência à ‘extinção’, especialmente dos salões berlinenses, é um sintoma da cesura que separa a época das massas do século XX, veloz e esportiva, da época clássica do individualismo e do ‘Bildungsbürgertum’ (WILHELMY apud WAIZBORT, 2000, p. 462).

Hoje, na nossa sociedade de massas, em vez de escassos, há inúmeros espaços para a sociabilidade, em todo o programa onde o próprio espaço é secundário, onde é



apenas um pano de fundo para o principal, que é o “estar junto”. O habitante urbano busca alívio do ritmo das grandes cidades, marcado por acontecimentos incessantes e pela pressão da economia monetária, ao mesmo tempo em que foge da aridez das multidões anônimas, nos espaços de sociabilidade que a própria metrópole lhe oferece em bairros, igrejas, parques, clubes, escolas, festas, teatros, restaurantes, *happy hours*, *shopping centers*, etc. Dessa forma, entre a objetividade exacerbada da metrópole simmeliana e a subjetividade da sociabilidade vivem, cotidianamente, milhões de pessoas.

Referências bibliográficas:

FRÚGOLI JR., H. (2007). *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Zahar.

SIMMEL, G. (2005). As grandes cidades e a vida do espírito (1903). In: *Mana*, Rio de Janeiro, vol.11, n.2, out. 2005, p. 577-591.

_____. (1983) Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34.

WAIZBORT, L. (2000). *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34.

_____. (2002). Georg Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida. In: Laboratório de análises de sociabilidade. (org.) *Sociabilidades*, São Paulo, vol.II, n.1, dez. 2002, p. 65-67.